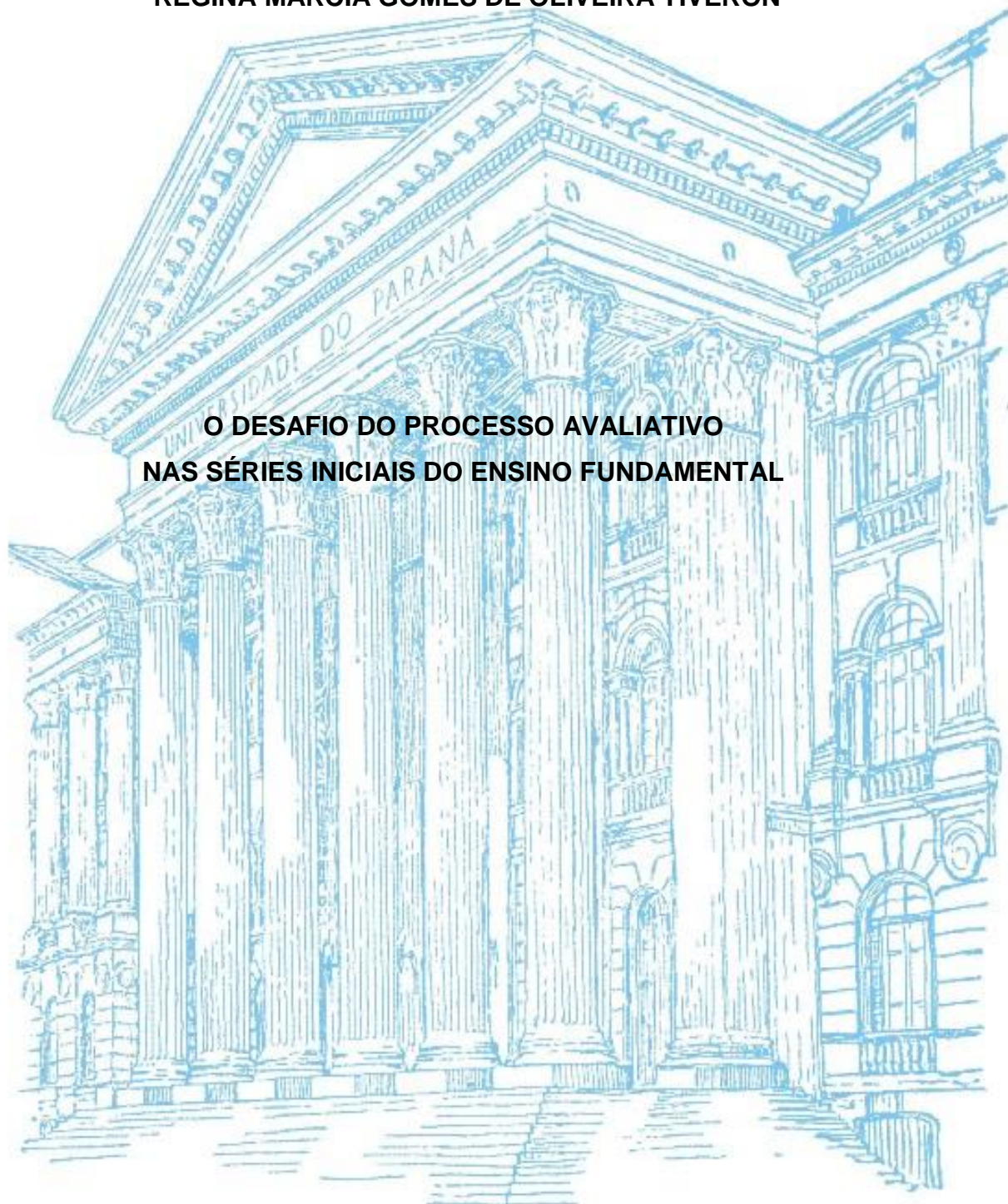


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

REGINA MARCIA GOMES DE OLIVEIRA TIVERON



**O DESAFIO DO PROCESSO AVALIATIVO
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

REGINA MARCIA GOMES DE OLIVEIRA TIVERON

**O DESAFIO DO PROCESSO AVALIATIVO
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Nádia Artigas.

CURITIBA
2014

PROCESSO AVALIATIVO: UM DESAFIO PERMANENTE NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

REGINA MARCIA GOMES DE OLIVEIRA TIVERON

RESUMO

A avaliação no processo educacional, certamente, é um dos processos mais complexos dentro do contexto do ensino-aprendizagem. Este estudo foi realizado em uma escola do município de Umuarama, nas séries iniciais do ensino fundamental. A pesquisa teve como objetivo analisar a relação entre as concepções pedagógicas e os significados obtidos na avaliação no contexto escolar. Para isso, por meio da pesquisa qualitativa buscou-se diagnosticar se a avaliação tem sido utilizada como instrumento para classificação e regulação do desempenho do aluno ou se os instrumentos avaliativos têm a concepção qualitativa para o seu desempenho. A análise dos dados demonstrou que as professoras utilizam uma prática avaliativa limitada, onde predomina a prova e os testes escritos, que são aplicados no final de bimestres, com um caráter classificatório. Na realização da pesquisa, ao responder o questionário elaborado, foram feitas algumas reflexões acerca da prática que vem sendo desenvolvida, no que se refere à avaliação. A conclusão de todas as professoras que participaram da pesquisa, é que realizam o seu trabalho pautado na pedagogia tradicional, visando à nota, e consequentemente a classificação do aluno. Todas têm a consciência que é preciso romper com essa prática, em que as avaliações são mais examinadoras do que avaliadoras, deixar de lado as resistências que impedem as transformações necessárias, deixar de repetir os modelos avaliativos pelos quais foram avaliadas durante a sua formação escolar. A escola é um espaço onde ocorre a transmissão e assimilação do ensino-aprendizagem, portanto é preciso que cumpra a sua função da melhor forma possível, daí a necessidade de mudança da concepção da prática avaliativa realizadas na sala de aula. Assim a pesquisa realizada apresenta o resultado da observação análise e reflexão da prática avaliativa no processo de ensino-aprendizagem desenvolvido na escola municipal, onde a pesquisa aconteceu.

Palavras-chave: Avaliação. Ensino-aprendizagem. Qualidade.

1. Introdução

Analisando a prática da avaliação como parte do processo de ensino-aprendizagem, é possível observar que sem dúvida esse é um tema que causa muita polêmica em todos os níveis de ensino. Vemos que historicamente tem gerado conflitos e discussões, devido a avaliação não ser um processo técnico apenas, mas que abrange valores, princípios e um posicionamento do professor frente ao processo avaliativo. A pesquisa desenvolvida teve como foco a investigação dos instrumentos de avaliação que vêm sendo utilizados pelas professoras do ensino fundamental, na execução do processo de ensino-aprendizagem na escola em que exerço a função de coordenadora. Os participantes da pesquisa sobre avaliação nas séries iniciais foram a equipe pedagógica, professores e alunos de uma das escolas da rede municipal da cidade de Umuarama.

O objeto de estudo teve como foco os instrumentos avaliativos que têm sido utilizados na escola pelas professoras do 2º ciclo, 4º e 5º anos do ensino fundamental, séries iniciais. Sendo cinco turmas no total de 118 alunos, 62 alunos no 4º ano e 56 alunos no 5º ano. O estudo se deu a partir da interlocução com as cinco professoras regentes. Foi feito o acompanhamento na elaboração dos planos de aula com os conteúdos trabalhados e as avaliações que foram elaboradas, e posteriormente a sua aplicação.

A pesquisa aconteceu durante o período de julho até dezembro de 2013, no intuito de averiguar a aprendizagem dos alunos, bem como o trabalho desenvolvido pelas professoras. Também foi aplicado um questionário para as professoras com a elaboração prévia de um roteiro de perguntas. Os questionamentos surgiram a partir de entrevistas orais, que foram registradas e analisadas pela pesquisadora.

O objetivo geral da avaliação é promover mudanças na prática docente, na perspectiva da compreensão da finalidade do processo avaliativo, para assegurar ao educando a formação comum indispensável para o exercício da cidadania. A formulação de objetivos de ensino consiste na definição de todos os comportamentos que podem modificar-se como resultado da aprendizagem.

A pesquisa teve como objetivo analisar a relação entre as concepções pedagógicas e os significados obtidos na avaliação no contexto escolar. Para isso, a pesquisa qualitativa utilizada tem como objetivo diagnosticar se a avaliação tem sido utilizada como instrumento para classificação e regulação do desempenho do aluno ou se os instrumentos avaliativos têm a concepção qualitativa para o seu desempenho.

A avaliação deve ser a forma pela qual a escola determina os objetivos no processo de ensino aprendizagem, assim o educador ao planejar o conteúdo a ser aplicado, também precisa ter em mente a avaliação adequada para o aluno de acordo com o ano ou série.

Existe uma relação íntima entre a formulação de objetivos e a avaliação; avaliar consiste essencialmente em determinar em que medida os objetivos previstos estão sendo realmente alcançados. Portanto, a avaliação é funcional, pois se realiza em função dos objetivos estabelecidos.

A elaboração do plano de ensino e a definição de objetivos do ensino-aprendizagem são importantes, sobretudo a partir da ampliação do conceito de aprendizagem, pois, atualmente, aprender é considerado algo mais do que a simples memorização de informações.

É a partir da formulação dos objetivos que vão nortear o processo de ensino e aprendizagem, que se define *o que* e *como* julgar, ou seja, *o que* e *como* avaliar, sendo fundamental também que se definam com clareza os critérios para a obtenção e alcance dos objetivos propostos. É por isso que habitualmente se diz que o processo de avaliação começa com a definição dos objetivos e com a delimitação dos critérios de avaliação para cada um deles.

A motivação da pesquisa levou em conta o descompasso que se apresenta entre o discurso dos professores envolvidos na pesquisa, que afirmam adotar uma prática dinâmica, e uma avaliação coerente com essa prática. Liblik (2005) entende que, no ato de avaliar, há diferenças conceituais entre objetivos, funções e finalidades. No entanto, o que é observado na sala de aula no dia a dia, é a predominância de uma avaliação somativa que visa a nota e a aprovação, e que não leva em consideração essas diferenças. Dessa forma a avaliação formativa ainda é praticamente inexistente na prática pedagógica das professoras observadas.

Considerando que a avaliação não é o final do processo de aprendizagem, mas acima de tudo precisa ser um meio a ser utilizado por alunos e professor para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem.

A necessidade de discutir o processo avaliativo na perspectiva da problematização inicial, justifica-se este estudo no sentido de superar os limites inerentes as práticas que já não são suficientes para efetivar plenamente o processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, observa-se que o professor tem um grande dilema da avaliação em suas mãos, pois essa prática precisa estar de acordo com o aproveitamento do aluno ao longo do período escolar.

Este artigo está organizado a partir da base teórica que fundamentou este artigo, a qual está evidenciada na revisão de literatura. Na descrição da metodologia e da análise dos dados estão descritos os procedimentos por meio dos quais foi possível compreender de que foram o processo avaliativo acontece na escola observada a partir da ação dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Nas considerações finais apresentam-se as principais evidências da conscientização dos docentes sobre a importância da avaliação contínua, tendo em vista a importância de manter uma observação constante em relação aos alunos, para que a avaliação seja reflexo de toda a vivência educacional.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Não é possível que se trabalhe de maneira a verificar se a aprendizagem acontece ou não, transformando o processo educacional em uma única ação avaliativa. Dessa forma, o ato de verificar a ocorrência da aprendizagem se reduz na transformação do processo dinâmico do qual faz parte a aprendizagem. Isso porque não é algo definitivo, mas sim uma constante construção de mudanças fundamentais, que alcançam os resultados que se buscam. Luckesi (1992) ainda destaca que a avaliação é diferente de um processo de verificação, pois engloba atos que vão além de se obter uma configuração do objeto, ao passo que se exige uma decisão do que fazer com esse aprendizado, e mesmo diante dele. Enquanto isso, a verificação é uma

forma de paralisar o que foi aprendido, a avaliação do aprendizado precisa direcionar o objeto aprendido de uma forma dinâmica e que transforme a construção do conhecimento em um processo constantemente dinâmico.

O profissional docente trabalha com seus alunos vinculando a teoria à prática, assegurando as aprendizagens efetivas, entendendo o conhecimento e a aprendizagem como processos relacionados entre si, que acontecem por construção e interação. Dessa forma, o Projeto Político Pedagógico ou Proposta Curricular deve levar o docente a priorizar conteúdos significativos, integrando em sala de aula, situações desafiadoras propiciando interações entre sujeitos para a melhor construção do conhecimento e das competências, onde pensar um projeto de educação implica pensar o tipo e qualidade de escola, a concepção de homem e de sociedade que se pretende construir.

Analisando a relação entre as concepções pedagógicas e a importância da avaliação no contexto escolar, além da necessidade de avaliar, partimos da análise inicial que as práticas de exames e provas escolares, utilizadas a partir do século XVI, estão subsumidas à “Pedagogia Tradicional”, uma vez que orienta que avaliação e exame tem o mesmo valor na prática pedagógica. Mais à frente, em outra fase, foi analisado a concepção de avaliação como instrumento para a classificação e regulação do desempenho do aluno, característica da “Pedagogia Renovada”.

Em outro momento, outra concepção trata a avaliação como instrumento de medida, os tecnicistas que estão alinhados com as ideias e as práticas pedagógicas emergentes da tecnologia educacional, é a “Pedagogia Tecnicista”. Dessa forma, o que vemos na atualidade, analisando a prática escolar, é que temos um pouco de cada uma dessas concepções ainda hoje, presentes e dominantes, na prática de avaliação, e que estão presentes em um mesmo contexto nas instituições escolares.

Dessa forma, vemos que esse tema nos desafia ao longo do tempo, pois utilizamos um modelo de avaliação pautado nos modelos de examinar a aprendizagem, que foi sistematizado nos séculos XVI e XVII e foram criados nas escolas jesuíticas e comeniana, as quais representam duas visões religiosas: católica e protestante, que se propagaram pelo mundo moderno.

Vemos, pelos estudos desenvolvidos, que o que vem ocorrendo desde que a escola foi instituída como espaço de educação formal e até na

atualidade, o que vem prevalecendo é a prática do exame, que de forma equivocada recebe a denominação de avaliação, como afirma Luckesi (2011):

vagarosamente, fomos incorporando, em nosso cotidiano escolar a expressão “avaliação da aprendizagem”, porém não fomos ao mesmo tempo modificando nossa prática. As práticas escolares permanecem predominantemente marcadas por atos de examinar, apesar de estas serem denominadas de avaliação.

De acordo com seus estudos, Liblik (2005) da mesma forma, também entende que, continuamos confundindo a função, a finalidade e o objetivo no ato de avaliar.

Ao refletir sobre a escola, Fazenda (1993) escreveu: “Estamos bastante divididos entre um passado que negamos, um futuro que vislumbramos e um presente que está muito arraigado dentro de nós” (p 16). E continuamos a fazer provas e mais provas... não assumindo nem nós nem os professores que estes são sim capazes de criar alternativas para esta situação confusa da avaliação na educação.

Com a nova legislação, aprovada no ano de 1996, Lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, o termo avaliação aparece no contexto escolar, substituindo os termos anteriores, que tinham outras denominações e onde predominava o sistema de exames, que se praticava. Mas como afirma Luckesi, o que vemos ainda predominantemente na prática da avaliação da aprendizagem é o ato de examinar. As razões pelas quais é preciso deixar a resistência no ato de examinar para o ato de avaliar, é que na maioria das vezes as resistências são inconscientes, o educador tem consciência que é preciso mudar, porém não consegue transferir para a prática do dia a dia em sala de aula, ainda segundo Luckesi (2011):

O tema da avaliação da aprendizagem, como prática diversa dos exames, vem sendo abordado desde 1930 nos Estados Unidos, tendo como ponto de partida as compreensões teóricas e proposições de Ralph Tyler, e, no Brasil, desde o início dos anos 1970, há 40 anos, com a chegada dos primeiros sinais da tecnologia educacional.

Cabe ao professor decidir se o aluno irá avançar para o ano seguinte, sendo que essa decisão influenciará muito a vida do aluno e resultará no aumento não somente dos índices de retenção, mas também da evasão escolar. Assim, é preciso refletir sobre o principal objetivo da avaliação e as condições

necessárias para que aconteça de maneira eficiente, justa e coerente, para que cumpra a sua função e alcance os objetivos a que se propõe.

Segundo Vasconcelos (1998, p. 53) citado ainda na pesquisa de Liblink (2005):

O professor está bem intencionado, mas cabe a interrogação: esta boa esta boa intenção está baseada em que? Qual seu fundamento, como foi construída? Este “bem querer” é histórico e, portanto, condicionado, influenciado por justificativas que são afirmadas tantas vezes e com tal convicção que acabam sendo incorporadas pelos sujeitos. Está querendo o melhor para o aluno, mas o caminho que está percorrendo pode estar equivocado, comprometido por estes condicionamentos.

Tendo em vista princípios básicos previstos na legislação educacional, conforme a LDB, em seu artigo 22: “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL,1996)

A mesma lei ainda assegura que:

Art. 24. a educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

V- a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais de provas.

Portanto, observamos que as maiores exigências do sistema são justamente uma avaliação contínua, que privilegia os aspectos qualitativos sobre os quantitativos. É isso o que nos diz a LDB em relação a avaliação do rendimento do aluno, e tem sido uma preocupação constante dos professores, pois faz parte do trabalho docente verificar e julgar o rendimento dos alunos, avaliando os resultados da prática pedagógica.

No contexto escolar a avaliação é um tema que desafia os professores como executar uma avaliação mais eficiente, que possa de fato ajudar os alunos a avançarem em seus conhecimentos? Vemos que os professores ainda enfrentam a dificuldade na elaboração da avaliação, como se fosse um peso, uma tarefa sem finalidade ou ainda tempo perdida, apenas para cumprir as exigências do sistema de ensino. De acordo com Hadji (2001):

muitos professores se esforçam para executar uma avaliação mais inteligente, capaz realmente de ajudar os alunos a progredirem. No entanto, a maioria dos professores ainda vivencia frequentemente essa avaliação como um peso, ou como um freio, ou ainda tempo perdido, mais do que como uma ferramenta eficaz a serviço de uma pedagogia dinâmica.

Assim sendo, para trabalhar com avaliação, analisando os estudos realizados, é possível observar que, antes de qualquer mudança ou inovação, não precisamos mudar nossos instrumentos avaliativos, necessitamos de mudar nossa postura, nossa forma de empregar esses instrumentos, ou seja, ao invés de examinar, avaliar verdadeiramente.

Mas sabemos que a avaliação do rendimento do aluno deve ser uma prática constante, pois mais do que como uma ferramenta eficaz no processo de ensino-aprendizagem reflete o resultado do ensino. Faz parte do trabalho do professor, auxilia na verificação e análise da aprendizagem dos alunos refletindo a eficácia do trabalho desenvolvido pelo professor, que por sua vez também estará se auto-avaliando em sua prática pedagógica.

A avaliação também tem um caráter diagnóstico, ou seja, um fator para determinar aquilo que o educando domina, o que realmente desperta o seu interesse, e aquilo que o mesmo deve aprender. Indicará os caminhos que o professor deve seguir, a fim de auxiliar seus educandos na sua heterogeneidade, e avançar nos aspectos formativos e culturais tão importantes para o crescimento integral. Ainda de acordo com Luckesi (1992)

para um verdadeiro processo de avaliação, não interessa a aprovação ou reprovação de um educando, mas sim a sua aprendizagem, e, conseqüentemente, o seu crescimento; daí ela ser diagnóstica, permitindo a tomada de decisões para a melhoria; e conseqüentemente, ser inclusiva, enquanto não descarta, não exclui, mas sim convida para melhoria. Dentro dessa perspectiva, o que caracteriza o ato de avaliar é ele ser um ato de investigar e, conseqüentemente, de intervir.

Durante o processo de construção dos instrumentos da avaliação, é preciso pensar na dificuldade do aluno na interpretação do que o professor deseja, ao elaborar alguns questionamentos, qual a intencionalidade em

algumas atividades, qual o objetivo da avaliação, assim também como a falta de objetividade de algumas atividades avaliativas elaboradas.

Faz-se necessário pensar em relação ao aluno que precisa entender qual o objetivo da avaliação e o que está sendo exigido em cada instrumento ou questão. A avaliação precisa ter sentido, para que não seja apenas a nota o objetivo do aluno e também do professor. Dessa forma, não só o aluno, mas também o professor e todos os envolvidos na prática pedagógica podem, a partir dela, refletir sobre sua própria evolução na construção do conhecimento. Para Hoffmann (1991)

A correção é um momento de reflexão sobre as hipóteses que vieram sendo construídas pelo aluno e não para considerá-las definitivamente certas ou erradas. Em vez do certo/errado e da pontuação tradicional, é importante fazer comentários sobre as tarefas dos alunos, auxiliando-os a localizar as dificuldades e oferecendo-lhes a oportunidade de descobrir melhores soluções.

A discussão sobre os instrumentos preparados pelo professor pode ser um caminho para a conscientização, ajudando professores a melhor compreender o processo de avaliação e a lançar mão de novas formas metodológicas no processo avaliativo. A forma mais comum de avaliação, observado em nosso sistema escolar ainda é a prova escrita, a qual não é boa ou ruim em si, entretanto ela não pode se constituir, sozinha, em um meio eficiente de avaliação. Dessa forma, Moreto (2004) afirma que:

Ao invés de apontarmos apenas os pontos negativos em relação às provas, é preciso pensar que avaliação precisa estar presente no processo de ensino-aprendizagem de forma diversificada”. Portanto ao invés de apenas apresentar os pontos negativos da avaliação ou dos instrumentos é preciso refletir que: “se tivermos que elaborar provas, que sejam bem feitas, atingindo seu real objetivo.

Dessa forma, a avaliação não se expressa através de notas, mas sim de forma processual diagnóstica, permanente, contínua e formativa, também no portfólio, nas pautas avaliativas, em pareceres e na contextualização sobre a aprendizagem do aluno. Nesse sentido, a partir deste estudo, compreende-se que avaliação do processo de ensino-aprendizagem precisa ser realizada continuamente, de forma sistemática com o objetivo de diagnosticar o rendimento do aluno em relação ao conteúdo curricular. Assim, o professor

deve buscar continuamente formação para aperfeiçoar e desenvolver novas formas de avaliações que possam investigar o efetivo nível de aproveitamento do aluno e lhe fornecer resultados a respeito do conhecimento construído e das dificuldades encontradas.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola onde a pesquisa foi realizada, a escola é um espaço dinâmico de interação, em que acontecem os mais variados tipos de vivência, espaço esse que os alunos passam grande parte do tempo. Nesse sentido, a escola propicia várias oportunidades de formação e de transformação do aluno no decorrer de sua trajetória escolar.

O professor, de mero repassador de conteúdos, passa a contribuir de forma significativa para o desenvolvimento integral do aluno, para tanto precisa estar preparado para ajudá-lo. Não se trata apenas de promover o aluno na aquisição do conhecimento científico e sim a atingir os objetivos de uma formação integral, que abrange os aspectos do aprender a aprender, o aprender a fazer, o aprender a conviver e o aprender a ser. Neste contexto de desenvolvimento, a avaliação é um instrumento utilizado para medir e detectar, o que realmente se objetivou atingir. Em outras palavras, dentro da educação, a avaliação é vista como levantamento do conhecimento que realmente os alunos adquiriram, e que a escola como um todo pode proporcionar-lhes.

Dessa forma, a escola precisa ser modelo, precisa rever sua prática uma vez que constrói o futuro, e inovar é importante, muito mais do que reproduzir o que já existe. O referencial, o desafio da escola do futuro é mudar a lógica da construção do conhecimento, a aprendizagem faz parte da vida das pessoas. A escola precisa oferecer a todos os que dela fazem parte a oportunidade de realização, pois não é meramente uma questão de opção metodológica ou ideológica, passamos lá muito tempo de nossas vidas.

Não se pode imaginar o futuro sem educadores, pois além de promover as transformações das informações em conhecimentos, em consciência crítica, também formamos pessoas. Portanto nós professores, devemos estar satisfeitos na escola, realizando da melhor forma o nosso trabalho, precisamos ter consciência e sensibilidade para promover as transformações necessárias na educação.

Paulo Freire (1995) dimensiona que o ato de educar é muito mais do que uma ação direcionada à tarefa de acessar o conhecimento. Para ele, tão ou mais importante que isto é saber, de que saber se trata de quem o produziu e a quem serve.

Nesse sentido, os educadores são aqueles que, uma vez reconhecendo a consistência dos saberes erguidos pela prática social dos indivíduos, os problematiza na medida em que os relaciona com outros saberes e perspectivas; são os que se portam e se postam inconformados com as adversidades impostas socialmente à oportunidade de viver dignamente; são aqueles que fazem de sua ação, mais do que de sua fala ainda que defendamos uma postura coerente que realize a expressão “eu faço a fala daquilo que eu faço” a essência da educação.

3. Metodologia e Análise dos resultados

Na pesquisa que foi construída para a conclusão deste estudo, na escola da rede municipal de Umuarama em que atuo como coordenadora pedagógica, a metodologia utilizada foi a da Pesquisa Qualitativa, que não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, é descritiva, através de entrevista direta, sendo o processo avaliativo e o seu significado o foco principal da pesquisa.

Estiveram envolvidas na pesquisa participante as cinco professoras das turmas de 4º e 5º anos, e os 118 alunos envolvidos e a pesquisadora, uma vez que o objetivo da pesquisa consiste em resolver ou, pelo menos esclarecer as dificuldades na situação observada. Nesse momento, foi muito importante propor que as professoras fizessem uma reflexão crítica sobre a sua prática pedagógica, visando levantar os problemas que deveriam ser investigados.

Thiollent (2008) afirma que:

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Também, através da metodologia indutiva que foi utilizada, considera-se que o conhecimento é fundamentado na experiência, e não leva em conta princípios preestabelecidos, nesse raciocínio os resultados a serem obtidos partirão de observações da realidade concreta.

A pesquisa parte de um tema polêmico, que é a avaliação que vem sendo realizada na escola, e parte da necessidade de buscar novas formas de avaliações efetivas uma vez que a maioria dos modelos utilizados, e que vem sendo praticados não alcançam os resultados a que se propõem. Antes de aplicar quaisquer técnicas é preciso lembrar que a medição no processo de ensino-aprendizagem é realizada de forma indireta.

Para ampliar as possibilidades de análise e obtenção de respostas para o problema proposto na pesquisa, era muito importante que as professoras fizessem uma reflexão crítica sobre a sua prática pedagógica e a convivência escolar no intuito de levantar as dificuldades e os problemas investigados. Dessa forma, a pesquisa aconteceu a partir de um questionário oral, contendo 10 questões com múltiplas escolhas, onde as entrevistadas puderam analisar e refletir sua prática, dar a sua resposta e fazer a justificativa de suas escolhas aos questionamentos.

Para a escolha dos dados a serem pesquisados e construção dos questionários, observou-se o processo de ensino-aprendizagem considerando os instrumentos avaliativos para verificação da aprendizagem utilizados na instituição escolar.

Com a análise dos questionários aplicados para os professores, verificou-se que as avaliações vêm sendo realizadas de forma contínua, diagnóstica, utilizando instrumentos pouco variados e com objetivo de verificar se houve aprendizagem.

Na 1ª pergunta: Você consegue elaborar suas avaliações com facilidade?

Todas as professoras reconheceram que não conseguem elaborar as avaliações com facilidade, aplicam constantemente provas escritas devido a inúmeros dificuldades tais como: desconhecimento de novos instrumentos avaliativos, falta de conhecimento, tempo reduzido para a elaboração e

aplicação, insegurança e dúvidas diante de novos instrumentos entre outras dificuldades.

Na 2ª pergunta: Tem dificuldades na preparação? Da mesma forma também admitiram ter dificuldades para elaborar as avaliações, e que acabam sempre elaborando provas escritas. A justificativa foi devido as mesmas circunstâncias descritas na primeira pergunta.

Na 3ª questão: Você elabora suas avaliações escritas com questões diversificadas? Todas afirmaram que sim, que procuram variar as questões na prova escrita, utilizando questões objetivas, cruzadinhas, caça-palavras, questões com múltiplas escolhas, ligue uma coluna na outra, desenhe, etc.

Para a 4ª questão: Levam em consideração os níveis de aprendizagem dos alunos para elaborar a avaliação, buscando estimular os alunos desinteressados? As professoras da 4ª série, disseram que sim que procuram levar em consideração o nível de aprendizagem do aluno e o desinteresse, pois alguns chegam sem estar totalmente alfabetizados, mas que nem sempre isso é possível devido ao currículo extenso, indisciplina e falta de tempo para preparar avaliações diferenciadas. Já as professoras do 5º ano disseram que não, pois não há tempo de atender as diferenças devido ao grande número de alunos na sala e a falta de interesse e indisciplina de muitos alunos.

Na 5ª pergunta: Procura o auxílio da coordenadora pedagógica na elaboração das avaliações? Todas disseram que às vezes procuram e justificaram que quase sempre a coordenadora está desempenhando outras funções e que não pode lhes auxiliar, mas quando possível procuram, e que estão acostumadas a elaborar suas avaliações sozinhas.

A 6ª questão: Busca parceria de outras professoras que trabalham com séries correspondentes na elaboração das aulas e das avaliações trocando ideias e experiências? Quatro professoras disseram que sim, que buscam parceria, que isso torna o trabalho mais fácil; apenas uma professora do 4º ano, disse que prefere elaborar sozinha suas atividades e avaliações; disse ter dificuldades em realizar o trabalho com outras professoras, prefere fazer sozinha, mas que pede opiniões e procura acompanhar os conteúdos das mesmas.

Para a 7ª questão: Procura estabelecer relação entre a metodologia de ensino utilizada e a metodologia da avaliação de acordo com o Projeto Político

Pedagógico da escola? Todas disseram que às vezes, justificaram que nem sempre conseguem estabelecer relação, com PPP da escola por não ter acesso constantemente ao documento, que procuram seguir as orientações da coordenadora quando possível.

A 8ª questão: Procura utilizar instrumentos avaliativos, dando condições aos alunos que aconteça de maneira eficiente, justa e coerente, e alcance os objetivos a que se propõe? Todas disseram que sim, que procuram avaliar os conteúdos que são trabalhados em sala de aula, e que dentro das possibilidades elaboram avaliações em um nível que assegure a aprendizagem a todos, mas que sabem que não atendem a todas necessidades, que para uns fica muito fácil e para outros ainda é difícil.

Essa afirmação se confirma na argumentação de Perrenoud (1999), que toda situação didática proposta ou imposta de maneira uniforme a todos os alunos será fatalmente inadequada para um grupo deles. Para alguns, fácil demais; para outros, difícil demais.

Na 9ª questão: Considera importante promover formações com os professores, sobre as dificuldades na elaboração de atividades, buscando novos conhecimentos e a articulação entre teoria e prática? Todas concordaram que sim, que é necessário a formação, novos conhecimentos são sempre bem vindos e concordam que é necessário aproximar a prática da teoria, que avaliar deve ser um processo mais eficiente.

A 10ª questão cita 13 instrumentos avaliativos, e pede para o professor citar quais instrumentos utiliza em suas avaliações: A maioria dos professores utiliza mais de cinco instrumentos de avaliação diversificados, sugeridos na pesquisa. A prova escrita continua sendo o instrumento mais utilizado, devido ao sistema educacional ainda exigir a comprovação escrita da aprendizagem do aluno. Todas as professoras responderam que a avaliação é contínua, pela participação e interesse nas aulas. A prova escrita vem sendo utilizada com frequência e na opinião delas deve continuar sendo utilizada, apesar de não refletir adequadamente a aprendizagem do aluno, mas que também avaliam a participação na aula.

As professoras do 5º ano afirmaram não existir uma receita de avaliação pronta que beneficie todos os alunos, mas concordam que é obrigação do professor buscar meios de realizar essa prática de forma que a

aprendizagem do aluno seja valorizado. Portanto, buscar instrumentos diversificados, significativos que atinja todos os aspectos do desempenho do aluno, e que o avalie em todos os sentidos, ou seja, em todas as suas competências.

4. Considerações finais

O processo de pesquisa bibliográfica unido à pesquisa de campo, pautada em observações, construção e aplicação do questionário aos docentes se mostrou fundamental para a formação de um aprendizado sólido e fundamental para o aluno durante a realização deste trabalho de conclusão de curso.

Este estudo possibilitou um olhar mais atento acerca dos processos de avaliação realizado aos alunos das séries iniciais, considerando se tratar de um momento fundamental para diagnosticar o processo de aprendizagem que está sendo criado.

No caso observado e de acordo com a pesquisa de campo realizada, foi possível perceber a consciência dos docentes sobre a importância da avaliação contínua, e como é importante manter uma observação constante em relação aos alunos, para que a avaliação seja reflexo de toda a vivência educacional.

Portanto, a avaliação da aprendizagem escolar precisa ser constante na prática do professor, e um instrumento pedagógico de suma importância para a tomada de decisões e o planejamento de estratégias.

No entanto é necessário o interesse e o esforço do professor em buscar instrumentos eficientes que possa atingir as competências múltiplas dos alunos. Desses instrumentos depende o seu desempenho, a verificação da aprendizagem e a sua classificação.

Para que a avaliação ocorra de forma mais natural, sem causar ansiedade e medo, o aluno precisa saber como e porque está sendo avaliado. A avaliação precisa ser encarada como oportunidade para que o aluno demonstre ter adquirido o conhecimento em relação ao conteúdo estudado. Deve ocorrer durante todo o processo de ensino-aprendizagem, buscando

sempre que possível, situações que promovam o pensamento de forma criativa e crítica, dando preferência a questões que levem ao raciocínio e não somente à memorização.

Assim, é fundamental destacar que o estudo constante de novas formas avaliativas é importante, da mesma forma que é preciso compreender as diferenças entre os alunos, que são indivíduos e precisam ser analisados como tal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. *Trabalhando Habilidades: construindo ideias*. São Paulo: Scipione.

BARBOSA, Liane Maria Vargas; **Metodologia da Pesquisa Ação**/ Liane Maria Vargas Barbosa, Sonia Maria Chaves Haracemiv, Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação Coordenação de Integração de Políticas de Educação a Distância. - : Curitiba: UFPR/ CIPEAD, 2010.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 24 de julho de 2014.

CURY, C. R. J. **O direito à educação**: Um campo de atuação do gestor educacional na escola. **Educação e Sociedade**. Campinas: São Paulo, v. 23, n. 80, setembro/2002, p. 168-200. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: março de 2013.

FERNANDES, C. **Dimensões da avaliação**: concepções e finalidades da avaliação em educação. In: BRASIL. MEC/TV ESCOLA/ SALTO P/ O FUTURO. **Avaliação um tema polêmico**. Brasília: MEC/ TV ESCOLA, ANO XX, BOLETIM 18, NOV. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. (1995)

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora uma prática em construção da pré-escola a universidade**. Porto Alegre: Mediação, 1993.1996. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

LIBLIK, Ana Maria Petraitis. **Fundamentos teóricos do processo de avaliação na sala de aula** /Ana Maria Petraitis Liblik. Universidade Federal do

Paraná, Pro-Reitoria de Graduação e Ensino Profissionalizante, Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. – Curitiba: Ed. Da UFPR, 2005

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem**, componente do ato pedagógico: Cortez, 2011.

MORETO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das – entre duas aprendizagens lógicas**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação** /Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005.

SOUSA, S. M. Z. L. **Avaliação da Aprendizagem: Teoria, Legislação e Prática no Cotidiano de Escolas de 1º Grau**. São Paulo, PUC, 1986. V, 1.

SOUZA, S. M. Z. L. **AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: ELEMENTOS PARA DISCUSSÃO**.

TYLER, R. W. **Princípios Básicos de Currículo e Ensino**. 3. ed. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre, RS: Globo, 1976.

THURLER, M. G. **A Eficácia nas Escolas não se Mede: ela se constrói, negocia-se, pratica-se e se vive**. In: **Sistemas de Avaliação Educacional**. São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais, 1998.